

No discurso pronunciado em Jerusalém, logo depois da assinatura do Acordo, Dom Celli declarou, entre outras coisas, o seguinte:

“O Acordo é fundamental no sentido em que tem como propósito servir de base para outras negociações. Como consta no seu Preâmbulo, a finalidade do Acordo é ser “uma base firme e duradoura... para atingir a finalidade da Comissão. Eu gostaria de enfatizar que o Acordo já representa um resultado sólido e verdadeiro do trabalho desta Comissão. Ele também pode, por diversas razões, ser considerado como fundamental, tendo em conta a sua grande importância...”

Mais adiante, ele dizia:

“Enquanto distingue claramente os aspectos religiosos e políticos deste acontecimento, a Santa Sé está convencida que será dado ao diálogo e à respeitosa cooperação entre Católicos e Judeus um novo ímpeto e energia, quer em Israel quer no mundo inteiro”.

Com razão, portanto, a comissão Nacional de Diálogo Católico-Judaico, quer hoje comemorar o Acordo entre a Santa Sé e o Estado de Israel, pois ele, como manifestou-me o Reverendo Frei Leonardo Martin e me deram a entender o Reverendo Rabino Sobel e o Excelentíssimo Dom Ivo Lorscheiter, nos seus convites, “marcou de uma maneira muito especial os participantes do Diálogo Católico-Judaico aqui no Brasil”.

Rendo homenagem ao Eminentíssimo Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, um dos

líderes do diálogo Católico-Judaico no Brasil desde o seu início; manifesto a minha admiração à Comissão Nacional Brasileira de Diálogo Religioso Católico-Judaico, pela atividade que desenvolve, pelo espírito que a anima, fazendo votos para um sempre maior fortalecimento do diálogo inter-religioso no Brasil e no mundo.

Termino fazendo minhas, as palavras do Cardeal Joseph Ratzinger por ocasião da Conferência Internacional Judaico-Cristã sobre os Desafios Sociais e Científicos da Vida Moderna, realizada em Jerusalém (do 1º a 4 de fevereiro deste ano, com a participação de 750 líderes cristãos e judeus de 97 países): “Para além de todas as discussões históricas e espiritualmente teológicas, nós nos encontramos no centro da questão da responsabilidade dos judeus e cristãos diante do mundo moderno. Esta responsabilidade consiste precisamente em representar a verdade do desejo de Deus diante do mundo, colocando assim o homem diante de sua verdade interna que é também seu caminho. Judeus e cristãos compartilham o testemunho do mesmo Deus, criador do céu e da terra... Judeus e cristãos devem aceitar uns aos outros em profunda reconciliação interna, sem desprezar ou negar sua crença, mas através da profundidade da própria fé. Em sua mútua reconciliação, eles devem se tornar uma força de paz no mundo e pelo mundo”.

TEOLOGIA, ÉTICA E CONTEMPORANEIDADE DA FAMÍLIA JUDAICA

Miriam K. Markus

Quando saímos da escravidão egípcia e ganhamos a liberdade, fomos presenteados por Deus, aos pés do Monte Sinai, com as Leis que passaram a guiar nossas vidas.

No 5º Mandamento lemos: “Honrarás teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra, que o Eterno, teu Deus te dá”. Fala-se de “pai e mãe”, portanto incluem-se também os filhos, completando a idéia da menor unidade social, que é a família, através da qual a Herança cultural e religiosa judaica pode e deve ser transmitida.

O Judaísmo é uma religião e cultura cuja centralidade é a família. É difícil imaginar-se viver o Judaísmo pleno sem fazer parte da família.

Voltando às fontes, no início Deus criou o Ser Humano à Sua imagem, como lemos em Gênesis 1:27: “E Deus criou o homem à Sua imagem, na imagem de Deus criou; homem e mulher Ele os criou; e Deus os abençoou...”. Foi esta dupla, este casal, que se completaram e que completaram a obra divina. Ambos, homem e mulher são essenciais, valiosos. “Na imagem de Deus Ele os criou; Ele criou homem e mulher”.

Mais adiante, no pacto entre Deus e Abraão encontramos uma dualidade, pois Sara, a esposa, é sua companheira e parte integrante do pacto. Há várias provas para demonstrar que Abraão e Sara deveriam ser uma família no pacto com Deus (aquele pacto em que Deus promete a Abraão aumentar sua descendência e protegê-la infinitamente): em Gênesis 17:4 lemos: “E para Mim farei um pacto contigo: serás o pai de uma grande nação. E não mais te chamarás “Abrão”, mas a partir de agora teu nome será Abraão, pois te farei pai de uma multidão de nações...”. Mas, em relação à mudança do nome de sua esposa, diz Deus: “tua esposa Sarai não mais chamarás assim pois seu nome é Sara”. Enquanto Deus ordena a Abrão a mudança para Abraão, Ele anuncia a este que Sara já teve nome mudado, pois, no momento da troca de um, ocorre o do outro. O pacto é para ambos, pois Abraão não pode ser o pai das nações, se Sara não for mãe.

Assim, entendemos que, apesar do amor de Abraão pelo seu primeiro filho Ismael, concebido por Hagar, a concubina que Sara lhe

oferecera, Deus concebeu a Sara a gravidez que gerou Isac. É Isac que representa tanto Abraão quanto Sara. Ismael representa Abraão, e não há pacto sem Sara, portanto a continuidade, a multidão de nações tinha de ser consequência do pacto, que inclui marido e esposa, Abraão e Sara.

O Ser Humano foi imaginado com seu par. Como lemos em Gênesis 2:18: "Não é bom para o homem estar só. Ao sair o homem de perto de seu pai e sua mãe, junta-se à sua esposa para que se tornem um".

Assim, entendemos que é através da união saudável, que surgem os filhos como bênção e continuação da criação divina.

A família é compreendida como um todo, forrado por várias partes: marido, esposa e filhos, cada qual com suas responsabilidades, direitos e deveres, e necessidades.

Na vida familiar judaica falamos "achavá", amor e "ichud", afeição, companheirismo entre o casal. Amor há entre ambos, assim como há amor para com Deus, para com os filhos e com os pais. "Ichud" é a afeição entre o casal, o estar junto, a dedicação, intimidade, respeito profundo e relação mútua balanceada. Após a cerimônia do casamento o casal fica só, junto, tendo-se escolhido como companheiros para a jornada da Vida. Torna-se um. É respeitando a indi-

vidualidade de cada um, tal como um tronco forte com duas ramificações. Em "Ichud" há amor de ambos, um pelo outro e destes para com os filhos. Juntos esforçam-se para criar uma família, com trabalho diário, exemplos, estudo, para garantir "Shalom Bait", a paz domiciliar abençoada com a Shechiná, o Espírito Divino.

A importância dada à família em todo o Velho Testamento continua viva nos escritos dos sábios judeus da Idade Média como Leone Ebreo, filho de Isaac Abrabanel que no séc. XV dizia: "É óbvio que o amor do marido e da esposa é agradável, mas, além disso, contém algo de bom; é esta a razão porque o amor recíproco sobrevive à alegria do prazer. Não só persiste, mas cresce constantemente". Segundo este mesmo sábio, "havendo empatia, preocupação um pelo outro, intimidade e compreensão, é garantido o sucesso do casamento".

A cerimônia judaica do casamento chama-se Kidushim, Santificação, e é, ao mesmo tempo, coração e impulso para o "ichud", afeição e companheirismo.

Através do Kidushim a união entre homem e mulher, agora marido e esposa, é santificada, e adquire uma nova dimensão: o amor a Deus através do qual o novo lar, também chamado "pequeno santuário" é abençoado.

Note-se que a cerimônia do casamento judaico é feita debaixo da "chupá", o páleo que simboliza o novo lar a ser formado pelas duas pessoas que se escolheram e as quais é assegurado apoio dos pais, dos rabinos e desejos de Mazal tov - boa sorte dos amigos.

A idéia de que a união do casamento é sagrada e eterna, reflexo do pacto entre Deus e o povo de Israel, remonta a Bíblia, particularmente nas profecias de Jeremias, cap. 2,22 e outros profetas.

Na Idade Média os poetas místicos de Safed embelezaram a liturgia sabática com a imagem da noiva Shabat e sua feliz união conjugal como símbolo do pacto entre Deus e Israel.

Há um outro nível no qual o casamento e a família são vistos como essenciais para o Judaísmo, e além dele para toda a Humanidade. É a moralidade sexual, a conduta permitida e a proibida entre o marido e a esposa. A Bíblia é muito clara na universalidade das normas sexuais. No livro de Levítico, cap. XVIII, após detalhar vários comportamentos sexuais proibidos, sumariza no V. 24 o seguinte: "Não te aproximes de nenhum destes caminhos, pois é através deles que as nações serão destruídas".

A tradição judaica condena em termos severos todas as formas abomináveis de comportamento sexual.

O pecado da geração do Dilúvio é descrito na Bíblia, em Gênesis 6:12, como a corrupção por conduta sexual proibida. O resultado desta destruição das normas morais universais foi a destruição do mundo através do Dilúvio. Nota-se que a corrupção sexual refere-se às condutas impróprias entre marido e esposa, quebrando o pacto matrimonial, o que dissolve a santidade de união.

Pelo contrário, as leis sexuais e higiênicas no lar judaico levam a uma vida, em seu conjunto, saudável, positiva e boa. Com naturalidade estas leis protegem o casal e seus futuros filhos, criando respeito, satisfação e equilíbrio no lar.

A tradição judaica reconhece o fato de que a procriação é um dos propósitos mais importantes do casamento. "Crescei e multiplicai-vos", lido em Gênesis 1:28, é cumprir uma lei, um dever, que se torna uma mitzvá, obrigação, que traz bênção e alegria.

Com a procriação associamos a Deus no contínuo processo de criação. Isso dá significado à bênção divina e cumpre seu propósito.

Interessantemente, o sábio Shamaï se referia ao dever de cada casal ter, no mínimo dois filhos homens, enquanto seu colega Hillel argumentava que o mínimo seria um filho homem e uma filha mulher.

Os membros da família são os depositários da Herança Judaica. De geração em geração, tal qual uma longa corrente, são passados os conceitos éticos, sentimentos de pertinência e valores morais de conduta.

Rezamos diariamente o Shma Israel, "Escuta, ó Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é Um". Nele a idéia de um Deus único impera, e a mesma reza segue lembrando: "e falarás dela a teus filhos, na tua casa e nos teus caminhos...", pois é a mãe e o pai que estão incumbidos, em primeiro lugar, de ensinar a base religiosa a seus filhos.

Assim, no dia de sua maioridade religiosa, a Barmitzva para o menino, e a Batmitzva no caso da menina, os jovens recebem de seus pais o rolo da Torá, o Pentateuco, contendo a Palavra Divina, os ensinamentos e a História de nosso povo e de toda a Humanidade.

Nas sinagogas, este rolo de pergaminho manuscrito é fisicamente entregue por uma geração da família àquela que lhe segue, simbolizando nesse rito de passagem o cumprimento de determinação divina. Nesta cerimônia centenária, realizada diante da Arca Sagrada que abriga a Torá, avós, pais e filhos voltam-se sempre na direção de Jerusalém, centro espiritual do povo judeu.

Desta forma mais uma prática da vida familiar judaica é cumprida, ou seja, o de recordar o vínculo profundo com a terra ancestral de Israel.

Falamos, até aqui, da Herança Judaica de que somos depositários. Ora, assim como há aspectos agradáveis nas heranças, há também aspectos difíceis, inesquecíveis e com sobrecarga de sofrimento emocional.

Refiro-me ao Holocausto, a tragédia ocorrida na Europa durante este século. O nosso compromisso é de recordar e ajudar toda a Humanidade a não esquecer.

Também aqui a família desempenha um papel primordial. Educadores incentivam seus alunos a perguntar para seus avós o que foi aquele período e com isso criam um diálogo profundo, às vezes sofrido, mas que une as gerações. O que seria apenas conhecimento histórico, na melhor das hipóteses, se transforma em experiência viva.

Como seres humanos estão todos ainda no processo de cicatrização. O mundo respondeu ao Holocausto de várias maneiras: ignorando-o ou dando imensa ajuda. Judeus também tiveram reações variadas: indiferença, suicídio, etc. São 28 nações que morreram em Auschwitz e outros campos de concentração, mas a nação judaica, Israel, está aí, viva, firme e representada. Ainda há sobreviventes

que lutam com os fantasmas das recordações, com saudades e dor, e com o desafio da vida; algumas pessoas querem ouvi-los (mesmo se eles nem sempre conseguem falar), mas há muitas pessoas que não querem saber da verdade.

Além das vítimas e dos sobreviventes, há os perpetradores nazistas e os espectadores. Estes espectadores somos nós, judeus e não-judeus que, graças ao Todo-Poderoso, não estivemos lá, mas que entendemos que não se pode passar um apagador em fatos históricos tão marcantes. Pelo contrário, é preciso entender a experiência para não deixá-la acontecer novamente com nenhum povo em nenhum lugar. É por aquilo que lá aconteceu que consideramos calar tão perigoso quanto omitir.

A responsabilidade individual ocorre na medida em que fazemos parte do coletivo, e a responsabilidade coletiva é atingida na medida que é formada por indivíduos únicos, pensantes, presenteados por Deus com o Livre Arbítrio.

Quando saímos da escravidão do Egito partimos todos juntos. Ao sairmos de Auschwitz deixamos para trás 6 milhões de irmãos, completando, 20 milhões de seres humanos indefesos, que ainda hoje ocupam nossas mentes e corações. Nossa memória é um legado com o qual temos de nos ocupar. É isso que nos leva à ação.

Conta o Midrash, a lenda, que quando o rei Balac mandou seu feiticeiro Bileão ir amaldiçoar o povo hebreu acampado no deserto, da boca deste saiu uma bênção! A ordem das barracas do acampamento, limpeza, respeito pelos vizinhos e cada família pela sua própria unidade, deu-nos a canção com a qual tantas vezes iniciamos nossos serviços religiosos: "Ma tovu, quão belas são as tuas tendas, ó Jacó, e tuas habitações ó Israel!". Conforme o Talmud, os pais devem, além de alimentar e vestir seus filhos, educá-los e ensinar-lhes as leis de Deus; numa visão mais ampla também devem ensiná-los a nadar, pois assim estarão salvando-lhes a vida, bem como ensinar-lhes uma profissão, que lhes garantirá sustento, ocupação e participação comunitária.

"Chinuch", em hebraico Educação, não é somente oferecer escola, mas é instruir a criança para a vida. E isso se faz também com o exemplo pessoal dentro de casa e fora dela. É isso que poderá levar os filhos a honrar e a respeitar seus pais.

Uma das instituições judaicas que o prova é o assim chamado Beit Avot, o Lar dos Pais, e não Asilo de Velhos. Filhos têm a responsabilidade para com os pais idosos, e mais tarde, já na ausência deles, devem reverenciá-los rezando o Kadish, acendendo uma

luz no aniversário de sua morte e fazendo caridade "in memoriam" por aqueles que um dia os educaram.

Entendemos que só uma base sólida de vida familiar garante o bem estar de cada um de seus membros, o que levará a Humanidade a seu propósito último, a Paz, Shalom.

Conclusões

Tendo problemas e dificuldades comuns, devemos unir forças para tentar encontrar soluções... pois, se

não nós, seitas extremistas o farão.

Temos posições teológicas e éticas similares, e também distintas, ou seja, é preciso conhecermos todas as posições..., e abraçarmos posições claras, devido ao perigo de posições neutras... Para isso devemos estar envolvidos e identificados. Programas de "outreach", de longo alcance devem ser traçados e desenvolvidos, pois as famílias esperam ser convocadas, se bem que nem sempre o sabem; assim estaremos garantindo que a nova geração possa usufruir do fruto que hoje plantamos.

PAZ E DIÁLOGO

Rachel de Queiroz

Comovida e bastante intimidada, tentarei desincumbir-me da tarefa que me deram: falar sobre **Paz e Diálogo** ante esta ilustre assembléia.

Paz e diálogo. Será isso que realmente está faltando no mundo, desencadeando tantos conflitos, tanto derramamento de sangue, tanto desamor e miséria?

Por falta de Paz e Diálogo, os homens estão a dilacerar-se na Bósnia e Herzegovina, em guerra cruelíssima - a pior de todas as guerras, que é a guerra civil!

A África inteira igualmente se dilacera em conflitos, resultantes de velhos ódios tribais, da prepotência e injustiça do colonizador, que arbitrariamente criou no continente negro a sua geografia própria, sem se preocupar com as antigas, talvez milenárias, extremas, que já dividiam o território africano entre tribos; e porque não dizer nacionalidades?

E o Haiti carece de intervenção estrangeira, e Cuba se atira ao mar em frágeis balsas, em patética e desamparada emigração.

Pelo chamado Oriente Próximo e pela Ásia, as seitas muçulmanas ou não, continuam se entrecrocando e se matando, e a causa disso

não é a comida nem a terra, a defesa ou o assalto de riquezas; o principal agente provocador de todas essas guerras é o sentimento mais inferior do ser humano; é o ódio ideológico e religioso - se se pode qualificar de religioso o fanatismo, que não recua nem diante do assassinio.

Durante os quase dois mil anos da Diáspora - depois do Imperador Tito, depois da trágica imolação dos heróis, na derradeira resistência judaica em Massada, o Povo de Israel tem vivido disperso pelo mundo, buscando senão uma nova pátria, pelo menos abrigo; ao longo do Mediterrâneo Oriental, internando-se pela Europa Central, chegando ao Báltico e à Rússia. Onde quer que encontrasse um novo lar e acolhida, senão fraterna, pelo menos tolerante. Levavam eles consigo as suas mãos laboriosas, a inteligência, a coragem, e aquela consciência de uma identidade própria, que Deus lhes infundira desde o seu primeiro pacto com o Patriarca Abraão.

E levavam, acima de tudo, como guia, fanal e regra inamovível, o Livro. O Livro, que os gregos chamaram de Bíblia, o Livro que condensava em si a doutrina ina-